

FOLIA DE REIS DO MORRO DA FORMIGA:¹

Comunicação, vizinhanças e derivas entre territórios populares do Rio de Janeiro

Victor Belart²
Maria Luiza Dique³

RESUMO

Analisamos as práticas comunicacionais de uma das três folias de reis do morro da Formiga, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A favela, localizada na Tijuca, conta com uma história quase secular de folias de reis que surgem e se reinventam com boa adesão de crianças e jovens. Elas fazem uso das redes sociais para divulgar eventos e práticas culturais. Através de uma observação participante que ocorreu no verão de 2025, este trabalho acompanha uma folia específica do morro da Formiga e que circula por diferentes regiões do Rio durante sua jornada anual. Praticamos, assim, uma deriva com a folia Brilhante Estrela de Belém. Compreendemos como esse movimento errante estimula práticas de comunicação, criação de comunidades e modos de pensar e agir na cidade a partir do corpo.

PALAVRAS-CHAVE

Folia de reis; deriva; morro da formiga; tijuca; culturas populares

INTRODUÇÃO

Com marcante presença em diferentes regiões do país, as folias de reis⁴ são manifestações que assumem contornos específicos em cada localidade. Em cada espaço

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutor em Comunicação (UERJ). Professor substituto na Faculdade de Comunicação (UERJ). Pesquisador associado ao grupo Comunicação, Arte e Cidade (CAC-UERJ). Contato: belart.victor@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia (UERJ). Bolsista de PRODOCÊNCIA do NEPOPE-UERJ. Contato: maludique21@gmail.com.

⁴ Expressão popular com comunicação simbólica e histórica desde os tempos de Brasil Colônia, que tratava a respeito da catequização a partir da dramatização. A folia de reis assumiu novos contornos ao redor do tempo. Ela conta com a peregrinação de seus participantes, músicos, mestres e palhaços (que remetem aos soldados de Herodes e/ou do satanás), que visitam a casa de devotos em alusão a peregrinação dos três reis magos no nascimento do menino Jesus. As folias mesclam religiosidade, sincretismo, dramatização e

do país, as folias têm um perfil, um ritmo, uma estética. A absorção do culto católico do natal e seus rituais a partir da mitologia dos reis magos vai ter interfaces também com manifestações de arte, das religiões e da festa. Isso passa por uma mescla de ritmos e referências que circundam universos da educação, do teatro, da comunicação, da música, mas também por múltiplas origens e interpretações das espiritualidades que se conformam diante das folias em uma simbiose de referências infinitas.

Essa composição diversa e de várias camadas - particular de cada região do país – é o que faz com que cada folia específica tenha um perfil diferente ao redor de alguns territórios do Brasil. Isso vai ter a ver com fluxos migratórios e diásporas a nível nacional, mas também com trocas culturais do contexto local. No Rio de Janeiro isso não é diferente.

Com intuito de analisar as práticas comunicacionais presentes em uma das três folias de reis do morro da Formiga, na Zona Norte carioca, entendemos neste presente trabalho as potencialidades estéticas de uma cultura errante no contexto da folia metropolitana. Promovemos, portanto, uma observação participante que acompanha uma jornada da folia Brilhante Estrela de Belém, oriunda daquele território, no bairro da Tijuca. A partir da inspiração do corpo em movimento pela urbe e que circula vários territórios da cidade, essa folia de reis se insere como elo errante que conforma redes afetivas e relações de vizinhanças do morro da formiga com distintas localidades do Rio.

A FOLIA, O RIO DE JANEIRO E O MORRO DA FORMIGA: UMA COMUNICAÇÃO ERRANTE

Diferentes favelas do Rio de Janeiro contam com manifestações ancestrais das folias de reis, oriundas de diversos fluxos e deslocamentos da população que conformou a expansão urbana da cidade. Em cada uma dessas localidades, elas têm um perfil, um modo de entoar sua percussão, um roteiro de deslocamento e uma estética visual específica. Existe um período demarcado onde é possível identificar muitas práticas de comunicação desses grupos: as jornadas da folia.

musicalidade nos territórios que ainda se fazem presentes. Ver: GONZALEZ, Lélia. Festas Populares no Brasil. São Paulo: Editora Index, 1987.

Elas são a temporada em que as folias de reis praticam suas errâncias com crenças em cultos católicos do Natal, mas que são mesclados com outras esferas religiosas e práticas de cada localidade. Durante o acompanhamento de uma jornada, pudemos ver o quanto o culto católico do Natal traz referências de uma cultura urbana implícita de cada cidade com dinâmicas particulares e diferenciações entre si. Normalmente, a partir das jornadas da folia, os grupos são recebidos em territórios e promovem seus rituais, suas rezas, suas rimas de palhaços, seus cortejos e práticas coletivas.

Tradicionalmente, ao redor do Brasil, esse ciclo vai do Natal ao Dia de Reis (6 de janeiro). Na Capital Fluminense, no entanto, isso tem um tempo prolongado de mais duas semanas. Como podemos observar no trabalho de Pereira (2017), ao tratar de tais jornadas de folias cariocas, “adoração dos Magos é central na bandeira, mas no Rio de Janeiro, as folias acrescentam a figura de São Sebastião, estendendo as jornadas até o vinte de janeiro” (p.36).

Padroeiro da cidade, o santo é celebrado no auge do verão carioca e sincretizado com referências de múltiplas religiões do Rio, com destaque, por exemplo, também para suas relações dentro da umbanda. Muitas vezes, no universo da folia de reis no Rio de Janeiro, mesmo que seja notória a relação com atravessamentos das crenças de matriz africana dentro das favelas, também foi notório identificar o quanto os diálogos a respeito de religiosidades para além da fé cristã ainda são um ponto complexo de discussão para alguns residentes dos morros em questão. Independente disso, é nítido o sincretismo e as múltiplas expressões de espiritualidades imersas no contexto da folia carioca e seus devotos de várias e diversificadas crenças.

Segundo, portanto, o calendário da jornada até o dia de São Sebastião, folias de diferentes regiões da cidade circundam particularmente no Rio em um ciclo que vai do Natal até o final de janeiro promovendo visitas entre casas de devotos, circulação entre favelas, igrejas, eventos e espaços culturais. As folias contam com seus mestres, mas também com os foliões, os palhaços e outras referências e personagens que circulam entre indumentárias e instrumentos.

Convidados pelos mestres da folia Brilhante Estrela de Belém⁵, tivemos a oportunidade de acompanhar parte de uma jornada dessa folia tijucana, no verão de 2025. Nesse fluxo, podemos perceber que, em seu próprio transitar dentro e fora do Morro da Formiga, é perceptível a forma como a tradição se mescla com outras culturas urbanas contemporâneas na peregrinação desse grupo. O ato de visitar as casas de devotos faz alusão a busca dos três magos pelo nascimento do menino Jesus. O trajeto é o momento em que a musicalidade vem à tona e percebemos a presença de diferentes ritmos e instrumentos, deixando claro que a pluralidade da folia também traz a presença de sons afro-brasileiros em um contexto originalmente católico.

Essa relação entre a expressão cultural tradicional e práticas de cruzamentos midiáticos é discutida no campo da folkcomunicação. O debate se caracteriza enquanto a reconfiguração de expressões culturais em um mundo cada vez mais globalizado. Com base no que Marques de Melo apresenta, “as tradições comunicacionais das populações marginalizadas sobrevivem às inovações tecnológicas, demonstrando capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço” (2008, p. 57). Isso não quer dizer que as tradições permaneçam intactas, mas que se configurem de forma ativa às demandas da mídia massiva.

No verão de 2025, imersos nesse contexto, praticamos, portanto, uma circulação que acompanhou o deslocamento da folia Brilhante Estrela de Belém, oriunda da favela da Formiga, por diferentes localidades do Rio de Janeiro durante essa jornada expandida. Essa é uma folia fundada em meados dos anos 2010 pelo mestre Claudio Xaxo, que por sua vez, tem uma história atravessada com outras folias da Formiga, em uma trajetória bastante comum na formação de grupos que costumam ser oriundos uns dos outros naquela favela. Inicialmente, essa folia adotava as cores verdes, mas cumprido um ciclo de 7 anos, comum nos princípios das folias, ela renovou suas práticas, adotou novas cores e passou a vestir fardas vermelhas.

Inicialmente chamada de “folia mirim”, a atual folia vermelha viu crescer muitos jovens que formaram-se ali musicalmente e coletivamente entre as jornadas da folia,

⁵ Essa relação de contato surgiu ainda em 2015, quando o grupo cultural FAZ NA PRAÇA - que atua na Tijuca e que tem participação de um dos pesquisadores desse artigo - passou a estabelecer algumas relações de contato e cooperação em eventos culturais com algumas lideranças do Morro da Formiga. Desde então, algumas folias daquela localidade passaram a participar de eventos pontuais do grupo, nas ruas da Tijuca.

fazendo com que a adesão de eventos dessa manifestação tenha até maior popularidade que algumas ações da escola de samba Império da Tijuca, também tradicional naquele morro. Para além da Brilhante Estrela de Belém, há outras duas folias no morro, com relações nem sempre homogêneas, mas que são cotidianamente mediadas por lideranças e contatos de vizinhança. Mais recentemente, inclusive, alguns moradores chegaram a criar uma articulação comum desses grupos, denominada Reisados da Paz. Essa entidade coletiva faz um elo comum entre as agendas das folias da favela e chega a postular de maneira conjunta por recursos públicos em editais de cultura visando o bem comum de todos os grupos.

O ofício de manter o diálogo entre manifestações ancestrais nem sempre é tarefa fácil e é bastante comum que muitos grupos acabem nascendo uns dos outros ao redor do tempo, como ocorre em muitas outras manifestações tradicionais da cultura Brasil adentro. Nos termos de Latour (2012, p.41), podemos entender que estariam algumas vezes as folias no epicentro de “controvérsias” e pontos de fissura entre si. Nesse sentido, podemos entender que vistas de longe, as folias podem ser lidas como homogêneas, mas ao acompanhadas de perto, cada uma vai ter suas particularidades, atritos e múltiplas referências, que podem ficar evidentes durante o acompanhamento mais prolongado de uma de suas jornadas.

Figura 1: Folia de Reis Brilhante estrela de Belém a caminho de tribobó



Fonte: Maria Luiza Dique

O roteiro e direcionamento das folias da Formiga, portanto, varia em cada uma delas e há também pontos de contato comum onde elas coabitam a mesma agenda. Foi exatamente nesse período das jornadas, que circulamos com dezenas de jovens que participam da Brilhante Estrela de Belém e circularam por localidades da favela da Formiga, bem como pelo morro vizinho do Borel e pela região de Tribobó, no município de São Gonçalo. A agenda delas é bem mais ampla que essa, mas essas 3 foram as localidades onde estivemos acompanhando tal folia.

Com poucas horas de sono, em maratonas de muitos espaços visitados e reunindo famílias, vizinhos e amigos, as folias circulam a cidade em distintas localidades em semanas intensas. O dia 6 de janeiro é talvez a data que reúna grande número de fotógrafos e curiosos no morro para ver as folias, mas em vários outros dias dessa temporada esses grupos praticam suas errâncias pelo Rio.

A JORNADA ENQUANTO DERIVA: UMA CONEXÃO PELO RIO

Tradicionalmente, todas as folias fazem uma intensa circulação por localidades, sendo recebidas por devotos e trocando saberes e práticas culturais. Esse fluxo errante, entendemos aqui como uma *deriva urbana* praticada junto da folia, que transmite práticas e trocas culturais através do corpo em movimento pela urbe.

No que diz respeito à essa citada ideia de deriva, é necessário que façamos um pequeno resumo da origem do conceito. Para isso, fazemos uma breve ponte entre a favela da Formiga e contextos europeus de décadas passadas. É assim que remontamos ao nome de Guy-Ernest Debord, então jovem ativista político, que ajudou a criar em 1952 a Internacional Letrista: um coletivo de artistas e teóricos culturais de Paris que repensava as movimentações de espaços metropolitanos. Esse grupo nos inspira aqui a pensar experiências coletivas na cidade através da errância.

A partir das reuniões, o grupo publicou periódicos e números tratando questões ligadas à arte que, posteriormente, se estendeu à vida cotidiana, à arquitetura e críticas ao funcionalismo moderno. Esses grupos pensavam na separação entre arte e vida cotidiana. As ideias que nasciam ali já inspiravam o pensamento urbano situacionista, um movimento que pensava a cidade como espaço de trocas e intervenções afetivas pelo

movimento que vai muito além do deslocamento funcional da vida moderna. Entre um dos conceitos, temos a prática da deriva, que nos permite defender neste trabalho a educação e comunicação errante como elo entre o morro da Formiga e outros pontos da cidade. Conforme argumenta Debord e Fillon no Resumè 1954 (Potlatch, n. 14, novembro 1954), “as grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva”.

Em contexto coletivo, mesclando referências múltiplas, a juventude da Formiga promove suas derivas pelo Rio durante as jornadas da folia. A deriva se trata, portanto, de uma prática de transitar para além das finalidades previamente demarcadas. O caminhar pela cidade e suas influências no sujeito que desencadeiam experiências, partilhas e subjetivações precárias que nascem e morrem naquele momento.

O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio. Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (Debord, 2003, p. 87, original de 1956). Podemos entender, portanto, que a Brilhante Estrela de Belém, ao visitar seus devotos, promova uma deriva pelo Rio em inspirações lúdicas e afetivas que conformam jogos de habitar a cidade.

A absorção de um conceito europeu à uma realidade latino-americana e periférica do Rio de Janeiro, se desdobra aqui a partir da interpretação de que esse movimento errático incorpora práticas de uma formação lúdica e dotada de múltiplas referências recriadas nessa errantologia que circula várias localidades do Rio. Nesse sentido, pudemos identificar no trabalho de campo, que a partir de um princípio da fé católica, a folia de reis incorpora tambores africanos, gestos e movimentos da cultura Hip Hop na movimentação de seus palhaços, além de múltiplas referências visuais nas fardas e indumentárias praticadas e compartilhadas pelos grupos que fortalecem seus laços através do deslocamento.

Normalmente, de sexta à domingo, durante todos os intervalos da jornada, o grupo faz um cortejo descendo o alto do morro da Formiga até o pé do morro, onde toma transportes coletivos ou fretados e circula a cidade de modo errante. Cabe demarcar que o bairro da Tijuca, onde se localiza o morro da Formiga, tem uma enorme população

circundada por essas favelas que cresceram como um movimento de habitação urbana nas encostas da floresta. Descer a favela e cortejar também pelo bairro, representa novos contornos de pertencimento a uma população que habita as margens dessa urbanidade em disputas.

A FOLIA DE REIS, A FORMIGA E A TIJUCA: ENTRELAÇAMENTOS, COMUNIDADES E VIZINHANÇAS

A Tijuca é uma zona do Rio de Janeiro que, entre outras composições urbanas, mescla arquiteturas de fábricas antigas, favelas, muitos condomínios fechados e a floresta. Nas favelas, as atualmente três folias de Reis do Morro da Formiga carregam “a ancestralidade de celebrações de cultura popular brasileira, com a população majoritariamente negra que desce as ladeiras da favela todo começo de ano em suas fantasias⁶, cortejos e alegorias” (Belart 2022, p.132). O bairro é extenso e boa parte dele vizinho diretamente da região montanhosa que compreende parte da floresta homônima. Não por acaso, em favelas vizinhas, bem no Alto da Boa Vista, também é possível identificar manifestações semelhantes às da Formiga e com traços históricos correlatos, como a que ocorre com as folias da favela Mata Machado, tradicionalmente visitadas no verão por algumas folias do próprio Morro da Formiga.

Ao pensar esse atravessamento urbanístico e histórico com impactos culturais, podemos brevemente comentar a respeito da formação diversificada desse território da Tijuca entre a floresta, edifícios, favelas e fábricas antigas. Como conta Chalhoub (2019), essa área da Tijuca teria começado a ser habitada mais intensamente por conta de epidemias em meados do século XIX. O autor reitera a má fama do Centro carioca daquela época, considerado espaço insalubre, propício a doenças. Chalhoub (2019) destaca alguns grandes traumas da saúde pública carioca ao longo do século XIX, como a varíola e a febre amarela, e sugere que a ocupação de alguns bairros altos ou distantes do Centro, como a Tijuca, tenha sido uma estratégia de salubridade.

Esse traço revela uma ocupação de uma Tijuca, naquele tempo aristocrática, que ocupou inicialmente as montanhas da região em casarões, sendo o século XX um elo de expansão urbana onde as favelas tijucanas também se inserem nesse contexto de

⁶ No que diz respeito à folia de reis, tradicionalmente o termo “fantasia” é mais entendido enquanto “farda”.

habitação da vizinhança das florestas. Com a expansão da cidade, as florestas e montanhas deixam de ser de elite e abrigam a população mais pobre.

Assim, elas passaram a ser ocupadas por populações negras e migrantes que traziam uma série de referências que se desdobraram a partir dos anos entre práticas culturais ali existentes. As mais conhecidas midiaticamente da região, com o tempo, são naturalmente as escolas de samba, que desenvolvem-se em diferentes zonas do bairro ao longo do século XX e foram dar origem às famosas agremiações do Carnaval, como Acadêmicos do Salgueiro e Unidos da Tijuca.

Para além delas, as folias são menos conhecidas e com menor apelo e circulação dentro da própria imprensa ou até mesmo no bairro. Esse fato, revela uma presença já quase secular de folias de reis no Morro da Formiga, mas que muitas vezes acabam desconhecidas do restante da maioria da população do restante do bairro da Tijuca.

Como desafio pedagógico e comunicacional, Claudio Xaxo⁷, mestre da Folia Brilhante Estrela de Belém, destaca uma espécie de trabalho de base que realizou ao longo dos últimos anos, de “visitar escolas vizinhas para colocar a folia dentro das escolas do bairro”. Esse processo denota uma articulação midiática, entre um trabalho de base de fazer a manifestação circular dentro e fora dos muros escolares e no imaginário das vizinhanças da favela.

Para além da educação formal nessas instituições, cabe destacar o quanto a folia imprime entre práticas que integram diferentes jovens a realizarem circulações pela cidade e produzem experiências coletivas. Pessoas de diferentes idades, por vezes junto de familiares ou não, reúnem-se em grupos com a folia e circulam ruas e favelas da Tijuca, mas também outras zonas do bairro e também cidades, escolas, centros culturais e múltiplas práticas errantes com a folia em sua jornada.

Essa peregrinação (como é conhecido pelos devotos e participantes da deriva) é também um meio de formação humana. Nesse sentido, tratamos aqui as ideias de autonomia e criação na formação humana. Contrariamente à compreensão de que o indivíduo assimila conhecimentos apenas em espaços formais, a sua vida cotidiana também é uma forma de construir subjetividades atribuídas aos espaços que circula. Assim, o transitar entre os diferentes territórios que festejam as folias, leva a todos aqueles

⁷ Entrevista realizada em abril de 2025, de forma presencial, no Morro da Formiga.

inseridos no festejo uma outra concepção de enxergar as culturas e a cidade. Estar à deriva por tais sujeitos, que são muitas vezes marginalizados em espaços e culturas, é também o meio de construção de autonomia, tanto em dimensão individual quanto coletiva, a partir da errância como forma de partilhar saberes e experiências entre os indivíduos em seu processo formativo. Conforme argumenta Cardoso Neto:

A participação da sociedade cria espaços ao estabelecer uma nova pólis anunciando boas novas como se pudesse pressupor o tempo da autonomia, o tempo da ruptura com a discriminação, a alienação, o autoritarismo e todo tipo de servidão (Cardoso Neto, 2012)

Os devotos que recebem as visitas, normalmente oriundos do próprio morro da formiga que abrigam essa manifestação da comunidade em seus atuais territórios de vida, também são participantes nesse processo de formação pela cidade. Afinal, mesmo que permaneçam no mesmo espaço durante a peregrinação, também são atingidos pela multiplicidade de subjetivações que a folia carrega em seu transitar. Aliado a isso, ajudam a compor um entendimento múltiplo que compõe a cidade como essa obra coletiva em movimento.

A FOLIA DE REIS, AS REDES SOCIAIS E REFÉNCIAS MÚLTIPLAS: AS PERFORMANCE ERRANTES NA CIDADE

Nas ladeiras da Formiga para tomar transporte para essas localidades pelas quais visitam nas saídas da jornada, muitas práticas podem ser identificadas. Antes de iniciar o cortejo até o ônibus e em momentos de descontração, os jovens cantam, por exemplo, em tom de brincadeira, um funk criado por um morador e inspirado nas batidas da folia daquela comunidade. A esse fato, Carlos Medeiros⁸, produtor cultural com trabalhos com as folias da Formiga, destaca, por exemplo, a presença da internet no cotidiano das folias daquele morro, bem como a tradição negra das favelas da Tijuca. A esse fator, ele nomeia as folias daquela favela como “uma folia de reis metropolitana”, antenada com contextos sociais de uma metrópole como o Rio.

⁸ Entrevista à essa pesquisa, realizada em fevereiro de 2024.

É nessa linha que podemos observar referências do menino Jesus, mas também atabaques, máscaras compradas pela internet, referências de costura desenvolvidas na própria favela da Formiga, princípios bíblicos, rimas e gestos próximos do Hip Hop, etc. São diferentes construções coletivas que marcam as referências do que Rincon (2016) chama de culturas bastardas. Nas palavras dele, “o popular está onde quer que estejam as histórias: no território, na vida cotidiana e na identidade das comunidades. Por isso, o popular tem a ver com uma riqueza expressiva no corporal, no sentimental e no narrativo” (Rincon, 2016, p.29).

Figura 2: Palhaços da Brilhante Estrela de Belém posando em Tribobó



Fonte: Maria Luiza Dique

Essas práticas sonoras, mas também visuais e sensitivas, revelam contornos bastante específicos que o ato de participar de uma folia de reis e também de mergulhar errante entre mistérios da cidade traz códigos e mecanismos que valorizam o estar junto. Leda Maria Martins aproxima essa perspectiva da ideia de performance e reflete como, em torno dessa perspectiva da cultura e da própria performance, estão circunscritas experiências sensíveis que se apresentam “pelo corpo imantado por sonoridades,

vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores" (Martins, 2021, p.41).

A mesma autora afirma que "o corpo, assim instituído e constituído, faz-se como Um corpo-tela, corpo-imagem, acervo de um complexo de alusões e repertório de estímulos e de argumentos" (Martins, 2021, p.162). Nossa contato por essas experiências performativas é modulado por nossos sentidos numa expressão que valoriza o recorte visível, mas acima de tudo o sensível de se relacionar com a vida externa e, através disso, perceber o mundo e a cidade que nos toca, nos observa e que nos grita.

Diante dessas informações, cabe demarcar que é comum, por exemplo, observar a presença das folias de Reis do morro da Formiga visitando também o vizinho morro do Salgueiro no verão e ali encontrando-se com outras manifestações também tradicionais a ancestrais, como o Caxambu⁹. Como conta Denise Santos¹⁰, articuladora do Caxambu do Morro do Salgueiro, a origem dessas manifestações pode ter a ver com fluxos migratórios de outras localidades do interior do Rio e do Brasil que foram residir nas favelas do Maciço da Tijuca.

A essa relação de vizinhança, Claudio Xaxo, mestre da Folia que estamos analisando, chama atenção para uma comunicação entre o Caxambu do Salgueiro e a folia da Formiga num elo comunitário que mantém suas redes de contato. Essa concepção e promoção de sutilezas provocadas entre construir parentescos e vizinhanças, é da natureza da qual Haraway chama de “práticas pedagógicas inovadoras de um devir-com natural social” (Haraway, 2023, p. 267).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido anteriormente, podemos considerar que as folias de reis, originalmente trazidas de Portugal com o objetivo de catequizar a partir do drama, remontam referências híbridas da África, das mídias, da favela, dos deslocamentos e das ruas do Rio. Na atualidade, afinal, encontramos nas folias um caráter mais abrangente.

⁹ Manifestação ancestral no morro do Salgueiro, com diálogo com manifestações similares que ocorrem em Miracema, no noroeste fluminense.

¹⁰ Entrevista realizada à esta pesquisa, em abril de 2025, de modo presencial.

Se a presença da religião ainda é forte, os diferentes ritmos, sons e estéticas de outros espaços é cada vez mais presente, principalmente no que foi observado durante a pesquisa participante junto a Brilhante Estrela de Belém. Assim, podemos compreender que a folia não apenas resiste levando a tradição para o cotidiano do território que faz parte, mas também é influenciada pelas culturas que lá estão presentes.

O território é um outro ponto essencial que foi observado na peregrinação da folia e ao longo deste artigo. A partir da prática da deriva, foi possível verificar que a forma como Brilhante Estrela de Belém interfere na cidade e vice-versa. Contrariamente a visão de cultura passiva, a folia de reis da Formiga é na verdade agente que forma musicalidade, corporeidades, tradição e diferentes expressões culturais pela cidade, assim como também é formada de maneira individual e coletiva ao mesmo tempo. O transitar pela cidade, estar à deriva junto aos demais integrantes é uma prática que vai além do espaço, mas comprehende também uma formação subjetiva. Por ocupar o espaço urbano, ao mesmo tempo que estão presente em comunidades marginalizadas pelo o Estado, as folias contrariam o lugar que a cultura popular e também os sujeitos que a constroem são colocados previamente. Não se trata apenas de passar pela cidade, mas de transformá-la pela presença e pela contrariedade às normas. Nesse sentido, defendemos que a prática da deriva das folias, entre muitas possibilidades nelas presentes, também é uma forma de comunicação, é a maneira de perpetuar a cultura popular onde ela acontece diariamente: na rua.

REFERÊNCIAS

BELART, V. Cultura, identidade e territorialidade na Grande Tijuca, Rio de Janeiro. In: MOREIRA S.V.; DEOLINDO, J.S (org.). **Leituras da Geografia da Comunicação:** lugar, região, território, escala e cartografias. UNEMAT, Cáceres, 2022.

CARDOSO NETO, O. F. O sentido da democracia e da autonomia: a reinvenção da educação e da escola. **Revista de Educação Pública**, v. 17, n. 35, p. 509–526, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/504>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBORD, G. **Teoria da deriva**. Original de 1956, publicado na revista Les Lèvres Nues e republicado na IS 2 em 1958. In: Jacques, Paola Berenstein (org.), Apologia da Deriva: escritos

situacionistas sobre a cidade. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GONZALEZ, L. **Festas Populares no Brasil.** São Paulo: Editora Index, 1987.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno.** São Paulo: n-1 edições, 2023.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador: Edufba, 2012.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e cultura popular. História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação.** São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINS, L. M. **Performance do Tempo Espiralar: poéticas do corpo tela.** 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021

RINCÓN, O. **O Popular na Comunicação: Culturas Bastardas + Cidadanias Celebrities.** Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 27-49, 2016.